

O elogio do amor desinteressado em *As Obras do Amor*

The praise of unselfish love in *The Works of Love*

Alvaro L. M. Valls¹
alvalls@unisinos.br

RESUMO: Após resumir as circunstâncias da atual pesquisa e tradução de Kierkegaard no Brasil, o presente artigo analisa, a partir dos últimos capítulos do livro *As obras do amor*, de 1847, as condições e os motivos de um possível elogio cristão do amor. O paradoxo a ser elucidado está no fato de que em geral “fazer é melhor do que falar sobre”, mas no caso específico do amor cristão o próprio elogio do amor, quando feito corretamente, já constitui uma obra de amor. O verdadeiro discurso sobre o amor cristão já supõe abnegação e uma atitude amorosa, ainda que este último ponto deva talvez ser questionado, num procedimento típico do mestre da ironia.

Palavras-chave: Traduções de Kierkegaard, amor cristão, discurso, ironia.

ABSTRACT: After summarizing the circumstances of the present research and translation of Kierkegaard in Brazil, this article analyses, on the basis of the book *Works of Love* (1847), the conditions and motivations of a possible Christian praise of love. The paradox to be elucidated is that generally “doing is better than talking about”, but in the specific case of Christian love the very praise of love, when correctly made, already constitutes a work of love. The true discourse on Christian love presupposes abnegation and a loving attitude, although the latter should perhaps be challenged, following a typical procedure of the master of irony.

Key words: Translations of Kierkegaard, Christian love, discourse, irony.

Avant propos (contextualizando este artigo)

Kierkegaard, no Brasil, até hoje ainda pode ser considerado um autor desconhecido ou, o que é pior, mal conhecido. Embora Alceu de Amoroso Lima tivesse utilizado boas fontes, em alemão e francês, para seus textos sobre (ou contra) o existencialismo, dos anos 40 e início dos 50, ele ficou entre nós, por mais de cem anos, como um autor traduzido de segunda ou até terceira mão.

¹ Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS.

No centenário da morte de S. Kierkegaard, em 1955, a *Revista Brasileira de Filosofia* lançou um número inteiro dedicado a este pensador. Alguns intelectuais bem conhecidos do Rio e de São Paulo escreveram sobre ele, sem demonstrar, contudo, nenhuma intimidade maior de leitura e de compreensão. Houve aí até quem explicasse o “desespero” pela simples ausência do confessor entre os protestantes e quem o considerasse um narcisista, sem perceber nada de sua ironia. O número comemorativo da RBF vale, portanto, apenas como um documento a revelar o quanto os brasileiros desconheciam este autor 50 anos atrás.

Contudo, ao final dos anos 50, um gaúcho que vivia em Curitiba como professor da UFPR, Ernani Corrêa Reichmann, leitor de Nietzsche e amante das músicas de Wagner e da boa literatura universal, tocado profunda e irremediavelmente pela leitura de *A doença para a morte* (mal traduzido ao português como *O desespero humano*, ou *Tratado do desespero* – em vez de, por exemplo, *Tratado da esperança*, como o sugere Hélène Politis), resolveu viajar a Copenhague e passar um ano por lá, estudando o autor dinamarquês junto a alguns de seus melhores comentadores, como Gregor Malantschuck e Howard Hong, entre outros. Acostumado a ler as traduções francesas de Paul-Henri Tisseau e as alemãs de Emanuel Hirsch, capacitou-se a ler Kierkegaard também no original, adquirindo suas Obras e seus *Papírer*.

Voltando ao Brasil, Reichmann deu palestras sobre este pensador, ao redor de 1963, ano do sesquicentenário do nascimento e, num trabalho silencioso (de monge – ou de lenhador, como preferiria descrever) traduziu uma seleção de textos de 400 páginas, que editou e reimprimiu nos anos 70 no Paraná, com o título de *Soeren Kierkegaard- m – Textos selecionados por Ernani Reichmann*. Trata-se de uma coletânea rica e muito completa, faltando apenas a presença da dissertação sobre a ironia e alguma coisa dos discursos edificantes. Reichmann foi, sem dúvida, o melhor intérprete entre nós do pensador dinamarquês, mas veio a falecer relativamente cedo, em 1984.

Tendo-o conhecido no ano anterior, quando lhe entreguei cópia de minha tese de doutoramento em Heidelberg sobre Kierkegaard, e tendo tido a honra de lhe apresentar pessoalmente o professor e pesquisador francês Henri-Bernard Vergote, fui estimulado por eles a traduzir *O conceito de ironia*, que faltava na coletânea de Reichmann, mas era central para a obra de Vergote, *Sens et répétition: essai sur l'ironie kierkegaardienne* (Paris, Cerf/Orante, 1982), obra monumental que entusiasmara Reichmann tanto quanto os textos de Malantschuck.

A dissertação sobre a ironia, de 1841, plataforma das idéias, do método e dos trabalhos de Kierkegaard, apareceu então no Brasil, publicada pela Vozes, 150 anos depois de sua defesa. E restou a tarefa de tornar este pensador mais conhecido entre nós. Em 1995, a Vozes publicou a tradução das *Migalhas filosóficas*, só parcialmente presente na coletânea de Reichmann, e o desafio seguinte foi traduzir *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*, de 1847, que a Vozes conseguiu publicar em 2005, graças à parceria com a Editora Universitária São Francisco, de Bragança Paulista.

Tais traduções foram feitas a partir do original dinamarquês, com o importantíssimo e intenso apoio técnico da senhora Else Hagelund, conterrânea de Andersen e de Kierkegaard, e com um embasamento filosófico e crítico que parece ausente nos tradutores anteriores. Sem as bolsas do CNPq este trabalho teria sido provavelmente impossível.

Começam a surgir então, pelo final do século XX, professores brasileiros com formação superior filosófica e teológica, com domínio de línguas internacionais, com cursos de pós-graduação na Europa ou nos Estados Unidos da América, entre eles o autor deste artigo e o paulista Ricardo Quadros Gouvêa (doutor em Teologia pelos Estados Unidos) e mais recentemente o baiano/carioca Jorge Miranda (doutor

em Filosofia pela Gregoriana, de Roma), além de doutores formados na USP, como Sílvia Saviano Sampaio, ou na UNICAMP, como Márcio Gimenes de Paula.

Sílvia Sampaio foi a responsável, com o apoio do autor deste artigo, pela tradução do outro texto de J. Climacus, *É preciso duvidar de tudo*, publicado pela Martins Fontes. Em Minas Gerais, Guiomar de Grammont publicou uma bela dissertação de mestrado sobre as figuras estéticas em Kierkegaard, mostrando que o “vírus” kierkegaardiano começava a se alastrar pelo Brasil afora. Também no Nordeste, como no Sul, começam a surgir dissertações de mestrado sobre o mesmo autor.

Foi neste contexto que os pesquisadores acima mencionados resolveram dar início a uma Sociedade Brasileira de Estudos Kierkegaardianos (SOBRESKI), entidade muito informal e flexível, mas que tem conseguido reunir a cada ano, sem dar despesa aos cofres públicos, cerca de uns 30 pesquisadores e estudantes de cursos de pós-graduação. Em 2005 o grupo se reunirá na USP, na capital paulista, nas datas significativas de novembro, assim como em 2004 encontrou-se em São Leopoldo, agregando ainda pesquisadoras do país vizinho, as argentinas Patrícia Dip e Maria José Binetti, que, tal como alguns dos brasileiros, já usufruíram do privilégio de pesquisar em Minnesota, junto à Howard and Edna Hong Kierkegaard Library, do St. Olaf College.

O artigo que segue representa, por conseguinte, a convergência dos esforços de tradução e publicação de Kierkegaard em textos fundamentais, antes desconhecidos – a partir da língua original – e do esforço de discussão no Brasil, ano a ano, com pessoal competente e apaixonado, das idéias, filosóficas, teológicas, psicológicas e literárias de Søren Kierkegaard. O artigo sugere mais do que explica, como convém a um esforço pioneiro sobre um autor irônico, dialético, socrático e cristão. Passemos a ele, sem mais delongas.

O elogio do amor

“A arte não está em dizê-lo, mas em fazê-lo.” Assim traduzimos as palavras com que o autor de *As obras do amor* inicia seu derradeiro discurso (Kierkegaard, 2004, p. 83; 2005, p. 401), o décimo da 2ª série do livro de 1847 ou, melhor dizendo, a última de suas “considerações cristãs em forma de discursos”, conforme o subtítulo exato deste livro de 400 páginas, cujo título parece jogar com uma proposital ambivalência entre um dito do diálogo platônico *O banquete* e a ética do *Novo Testamento* (nos Evangelhos e nas Epístolas, como: 1ª aos Coríntios, Tiago, Pedro e João.) No que toca ao amor, o importante não é falar sobre, declamar, dissertar sabiamente, mas antes realizar, concretizar, existir nele. O amor, na compreensão cristã ao menos, expressa-se em obras, faz parte da prática, daquela “christliche Praktik” reconhecida e exaltada por um Nietzsche 41 anos mais tarde (*O Anticristo*, § 39, p. 59. No original: “Das ‘Evangelium’ starb am Kreuz. [...] bloß die christliche Praktik, ein Leben so wie der, der am Kreuz starb, es lebte, ist christlich...”). Não se trata de poesia sentimental, de exercícios de oratória, de uma bela retórica, irmã e complemento da hermenêutica. Não se trata nem de falar bem e bonito, e tampouco de apenas compreender: trata-se do “vai e faz o mesmo”. Neste sentido, não pertence à estética, mas à ética: a rigor, não pertence ao domínio dos poetas enquanto tais.

Entretanto, não é fácil fazer um elogio verdadeiro do amor verdadeiro, é até uma árdua tarefa, e por isso o próprio elogio do amor se mostra como uma obra, mas não como uma obra de arte (ao menos não precipuamente), e sim como uma autêntica obra de amor. Para tanto, esta obra tem de realizar-se no amor, e no

amor da verdade. Se fosse uma obra de arte, nem todos seriam capazes de consegui-lo, mas uma obra de amor é em princípio possível a todos: “A cada um que queira ter amor, se lhe concede; e se quiser assumir o trabalho de elogiá-lo, também terá sucesso” (Kierkegaard, 2004, p. 84; 2005, p. 402). Isso, porém, não dispensa o sacrifício: muita auto-abnegação, para perseverar muito tempo num único pensamento, num esforço de interiorização extremamente extenuante.

Não basta apenas evitar distrações; é preciso, ainda, a cada momento, tomar consciência de si, pensar com transparência, obediência e humildade, levando até o extremo nossas forças espirituais, pois “há no espírito humano como tal um aspecto egoístico que tem de ser quebrado, se verdadeiramente a relação com Deus deve ser conquistada” (Kierkegaard, 2004, p. 86; 2005, p. 404), e há que manter-se disposto a “experimentar o perigo mortal no qual a questão é perder a vida para ganhá-la” (Kierkegaard, 2004, p. 84; 2005, p. 402) enquanto os homens ao redor opinam que tudo não passa de um exagero desnecessário.

O autor não parece ter ilusões de ser escutado por muitos, em seu elogio do amor, de modo que invoca, como que numa dedicatória que é ao mesmo tempo uma justificativa... um ouvinte já morto, que bem poderia ser seu amigo inesquecível, o professor e poeta Poul Martin Møller:

Oh, não sei a quem falar a respeito dessas coisas; até que ponto ainda haverá alguém que se preocupe com tais coisas? Mas isso eu sei, que viveram tais pessoas, e isso eu sei que justamente as que mais proveitosamente elogiaram o amor foram pessoas muito viajadas e muito experientes nessas, hoje em parte quase desconhecidas, águas. E para eles eu posso sim escrever, consolando-me com aquela bela palavra: “Escreve! – Para quem? – Para os falecidos, para aqueles que tu amaste num tempo passado!” – e ao amá-los, eu me reencontrarei também com os que me são mais caros dentre os vivos (Kierkegaard, 2004, p. 87; 2005, 405).

O elogio do amor é aqui uma obra de amor, aos falecidos que souberam o que era amar mas também aos vivos mais caros ao autor. (E como excluir deste conjunto Regina Olsen, a ex-noiva, que se casará cinco semanas após a publicação deste livro?) Embora elogiar o amor exija sacrifício, implica também este aspecto festivo, comemorativo, de celebração, na medida em que favorece o reencontro das pessoas amadas. Elogiar o amor é fazer-se colaborador do Todo Poderoso, tornar-se um instrumento em suas mãos e, numa audácia extrema, pedir-lhe que colabore conosco.

A vantagem desta situação é que quem reflete sobre ela fala do que vive e experiencia, pois sabe que “ele é, o que cada homem é, amado por Deus” (Kierkegaard, 2004, p. 89; 2005, p. 407). A *Oração* que inaugura o livro, anterior à primeira série de considerações, já apresentava, ao invocar, um amor que é divino e que é inclusive trinitário, um amor que nos amou primeiro, amor a quem pertence toda iniciativa no céu e na terra:

Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, ó Deus do Amor, de quem provém todo o amor no céu e na terra; Tu, que nada poupaste, mas tudo entregaste em amor; Tu que és amor, de modo que o que ama só é aquilo que é por permanecer em Ti! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Tu que revelaste o que é o amor; Tu, nosso salvador e reconciliador, que deste a Ti mesmo para libertar a todos! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Espírito de Amor, que não reclusas nada do que é próprio Teu, mas recordas aquele sacrifício do Amor, recordas ao crente que deve amar como ele é amado, e amar ao próximo como a si mesmo! Ó, Amor Eterno, Tu que estás presente em toda parte e

nunca deixas sem testemunho quando Te invocam, não deixa sem nenhum testemunho aquilo que aqui deve ser dito sobre o amor, ou sobre as obras do amor. Pois decerto há poucas obras que a linguagem humana denomina, específica e miudamente, obras de amor; mas no Céu certamente é assim: lá nenhuma obra pode agradar se não for uma obra de amor: sincera na abnegação, uma necessidade de amor, e justamente por isso sem a pretensão de ser meritória! (Kierkegaard, 2005, p. 18).

Com uma tal *Oração*, que não poderia faltar no início de um tratado como este de 1847 – assim como não faltou para Santo Anselmo quando este se dispôs a desenvolver seu famoso *Argumento* –, ficamos sabendo liminarmente o que ou quem é o amor, e também ficamos sabendo desde logo que fomos amados primeiro, e infinitamente, por um Amor que tem uma lógica diferente da lógica do amor que um Ludwig Feuerbach poderia suspeitar.

Embora se torne um dever, não há propriamente mérito em amar, pois por mais que amemos, jamais conseguimos saldar a dívida infinita, e é por isso que a última da 1ª série dessas considerações, lembrando a epístola aos Romanos XIII,8, reflete sobre “nosso dever de permanecer em dívida de amor uns para com os outros”, desenvolvendo uma dialética do infinito com todos os seus paradoxos inevitáveis quando extrapolamos das realidades finitas. Diferentemente do poeta, que se preocupa com a inspiração afortunada e com o resultado do poema, aqui a seriedade está em que o elogio retrate fielmente “a própria relação com Deus”, que “deve ser para ele mais importante do que o resultado” (Kierkegaard, 2004, p. 90; 2005, p. 407), pois: como falar do amor, separado do verdadeiro Amor? O texto o confessa claramente:

Mas Deus é amor. Quem poderia elogiar o amor melhor do que aquele que ama a Deus na verdade, pois ele se relaciona afinal da única maneira correta com o seu objeto: ele se relaciona com Deus e o faz amando de verdade (Kierkegaard, 2004, p. 91; 2005, p. 408).

Na dissertação sobre a ironia, Kierkegaard mostrava o Amor em Sócrates como um conceito vazio, comparado com a pura indeterminação do Ser do início da Lógica hegeliana (ou, para sermos bem exatos, comparado com o Nada, pois o puro Nada apenas é):

Amor é portanto carência de, busca de algo que a gente não tem, e se então amor é amor da beleza, Eros carece conseqüentemente da beleza e não a possui. Portanto, se o bem é simultaneamente o belo, então Eros carece igualmente do bem. [...] Sócrates não afasta a casca para chegar ao cerne, mas sim esvazia o cerne. [...] O abstrato de Sócrates é uma designação completamente sem conteúdo. Ele parte do concreto e chega ao que há de mais abstrato, e lá onde a investigação deveria começar, ele termina. O resultado a que ele chega é propriamente a determinação indeterminada do puro amor: amor é, pois, o adendo, que é nostalgia, busca, não é nenhuma determinação, dado que isto é meramente uma relação com uma coisa que não é dada. (Valls, 2000, p. 67-85, antes Valls, 1993).

Se a *Dissertação sobre O conceito de ironia* mostrava em 1841 que aquele amor elogiado por Sócrates/Diotima não passava de pura carência, vazia, aqui em 1847 o amor é outra coisa: aqui se define amar como aproximar o outro do Amor, ajudá-lo a conhecer e a viver este amor que é divino. Temos então a figura de um legítimo triângulo: Tu, o Outro e o Amor. E o Outro não se reduz a um *alter ego* (*segundo eu*, continuação imediata de meu eu imediato), mas precisa ser realmente

um *primeiro tu*. Não é um “próximo” no sentido do *Antigo Testamento*, um membro do meu clã, mas alguém, qualquer um, que já é um Tu para o Deus que ama e que por isso chega a mim também como um Tu, e que somente neste sentido mediato é igual a mim. (O dinamarquês permite um trocadilho perfeito entre a humanidade/*Menneskelighed* e uma igualdade entre os homens/*Menneske-Lighed*.) Kierkegaard descreve assim o amar e o ser amado:

Pois amar a Deus, isto é que é amar verdadeiramente a si mesmo; auxiliar um outro ser humano a chegar ao amor de Deus, isto é que é amar a um outro ser humano; ser ajudado por uma outra pessoa a amar a Deus significa ser amado (Kierkegaard, 2005, p. 131).

Um amor polêmico

Mas se as coisas estão assim entre o céu e a terra, por que razão o amoroso teria algo a temer, em que consistiria o seu sacrifício, sua auto-abnegação, ao pronunciar um elogio verdadeiro? O realismo cristão deste autor explica o porquê.

O verdadeiro deve ser essencialmente considerado como polêmico neste mundo; o mundo nunca foi e nunca será tão bom a ponto de a maioria querer o verdadeiro ou ter a noção verdadeira dele, de modo que sua proclamação fosse conquistar imediatamente aplauso unânime (Kierkegaard, 2004, p. 92; 2005, p. 410).

O mundo não se tornou melhor; ele apenas se tornou menos apaixonado e mais mesquinho (Kierkegaard, 2004, p. 96; 2005, p. 413).

Parece que aqui reencontramos um velho conhecido, o polemista denunciante do *Mundus vult decipi* no seu *Ponto de Vista*, de publicação póstuma, ou o irônico que disserta sobre a dissimulação em 1841, o céptico Climacus do *Post-Scriptum* de 1846 ou o Anticlimacus da *Prática do cristianismo*, de 1850. Mas também reencontramos, de certo modo, o autor lisonjeado que ousou provocar o jornal *O Corsário*, para sofrer ataques e perseguições. Ora, este autor não pode (nem quer) fazer sucesso; Adorno o demonstrou claramente, ao analisar *A doutrina kierkegaardiana do amor* e ao publicar, em 1963, um *Outra vez Kierkegaard*.

Ora, neste mundo em que vigora a Lei de Gérson, que manda tirar vantagem em tudo, o amor desinteressado causa espécie, e por isso a ele é dedicada a 4ª consideração da 2ª série: *O amor não procura o que é seu* (Kierkegaard, 2005, p. 298ss.). Com a publicação, agora em 2005, da tradução completa em nossa língua materna da obra de 1847, todos teremos ocasião de meditar sobre a característica que diferencia este tipo de amor do amor natural (*Éros/Elskov*) decantado por Platão e muitos outros, bem como da amizade (*Phília/Venskab*) elogiada na *Ética a Nicômaco* aristotélica. De momento, interessa-nos averiguar mais detidamente tal característica no comportamento do autor, assim como é descrito no último discurso da 2ª série.

E a nossa época, então! Quão necessário não é o desinteresse hoje em dia, quando tudo se faz para tornar tudo instantâneo e o instantâneo tudo! [...] A paciência calma, a lentidão humilde e obediente, a renúncia magnânima ao efeito instantâneo, a distância que separa o infinito do instante, o amor devotado a seu pensamento e a seu Deus e que é indispensável para pensar um único pensamento: tudo isso parece em vias de extinção, estão quase se tornando uma coisa ridícula para os homens (Kierkegaard, 2004, p. 94; 2005, p. 411).

Alguns já estarão familiarizados com o Kierkegaard crítico de sua época (*vor Tid*). Para os que defendem a tese do solipsismo, a doutrina do amor ao próximo e

a crítica da época são argumentos que obrigariam a repensar tal posição. E para quem interpreta a famosa “interioridade” como sinônimo de “intimismo” deve soar estranha a seguinte análise das formas de comunicação em plenário:

Toda comunicação deve ser ajustada para aparecer convenientemente num panfleto leve ou se apoiar em mentira sobre mentira. Até parece que no fim toda comunicação teria de se prestar a ser apresentada em uma hora no máximo, diante de uma assembléia que por sua vez gasta uma meia hora no tumulto dos aplausos e dos protestos e na outra meia hora está confusa demais para poder concentrar as idéias. [...] As crianças são educadas para considerar isso como a arte suprema: ser ouvido e admirado durante uma hora. [...] importa satisfazer durante uma hora uma assembléia composta pelos primeiros que aparecem, os quais, por sua vez, não tiveram nem tempo, nem a oportunidade de meditar sobre o verdadeiro e, portanto, exigem superficialidade e pensamentos pela metade se quiserem ser pagos com aplausos: essa é a aspiração geral (Kierkegaard, 2004, p. 94s; 2005, p. 411s.).

Eis uma versão kierkegaardiana, ainda no século XIX, dos 15 minutos de fama de McLuhan. Aliás, que poderemos esperar, então, da publicação das 400 páginas de *As obras do amor*? Será que elas conseguirão encontrar aquele a quem Kierkegaard chamava “o seu leitor”? De qualquer forma, por isso tudo “é tão necessário o desinteresse abnegado”. Os homens que vivem no instante poderiam jamais ter “uma idéia verdadeira do amor”? Ora, talvez o problema da relação dos homens com o amor seja mais profundo e mais radical do que este que se mostra na crítica de nossa cultura e de nosso tempo:

A conclusão não é de jeito nenhum correta, quando sem mais nem menos conclui que aquele que elogia o amor tem de ser ele mesmo, ou vir a ser, amado – num mundo que crucificou aquele que era amor, num mundo que perseguiu e exterminou tantas testemunhas do amor (Kierkegaard, 2004, p. 96; 2005, p. 413).

A obra de amor que consiste em fazer o elogio (verdadeiro) do amor (verdadeiro) talvez seja uma tarefa ingrata, próxima do martírio. Por essas e outras é que Kierkegaard, nos anos 50, recomendará aos cristãos (assim como nos anos 40 recomendava ler Feuerbach) a leitura do (pessimista) Schopenhauer: como um antídoto. Nosso autor desconfia do “homem amável”, pois geralmente essa amabilidade não passa de “traição contra o eterno” (Kierkegaard, 2004, p. 97; 2005, p. 414):

Quão amoroso não é confirmar e auxiliar os homens em seus amados descaminhos! Mas será que é amor enganar os homens; será que é certo que isso é amor [...]? Eu achava que amor consistiria em: ao transmitir o verdadeiro, dispor-se pessoalmente a fazer qualquer sacrifício, mas recusar-se a sacrificar a mínima parcela da verdade (Kierkegaard, 2004, p. 97s; 2005, p. 414).

Alguém que tenha lido *O diário do sedutor* e o tenha considerado como o autêntico Kierkegaard reconhece ainda nosso autor, apenas quatro anos depois? Ou será que a tese do “embuste”, de uma produção inicial que queria “enganar os outros para a verdade”, não estaria sendo mais e mais reforçada? Talvez. De qualquer modo, as derradeiras páginas farão um retorno a Sócrates que lembra em muito a dissertação sobre a ironia (mais do que o Sócrates platônico das *Migalhas filosóficas*), reforçando, ao mesmo tempo, a tese da dissimulação kierkegaardiana, da “ironia dominada”, posta “a serviço da idéia”, assim como de lambuja poderão despertar nos ouvidos de uma Regina Olsen novas dúvidas atrozés.

De fato, o autor relembra outra vez os gracejos de Sócrates sobre o amar o feio e lembra como o próprio Sócrates era tão feio. E dá a entender que ele mesmo, para poder elogiar correta, abnegada e desinteressadamente o amor, precisava necessariamente parecer um egoísta, e dos piores.

O orador deve mostrar-se a si mesmo como o egoísta, e o conteúdo do discurso deve ser sobre o amor do objeto não amável. [...] O amor que ama a beleza não é o amor verdadeiro, que é o amor da auto-abnegação. Em relação a esse, para que tudo esteja em ordem e poeticamente perfeito, o orador deve apresentar-se então como o egoísta (Kierkegaard, 2004, p. 98 e 99; 2005, p. 415 e 416).

Quer dizer, em bom português, que o autor, para louvar corretamente o amor, precisaria parecer que é um egoísta. Com isso ele não correria o risco de parecer estar louvando a si mesmo e ao seu comportamento. Diante da confissão deste estratagema, resta ao intérprete escolher a sua explicação, ou seja, a explicação que lhe parecer melhor. Ou ele prefere identificar-se com as doutrinas sublimes e paradoxais de um amor infinito, divino, que desafia o mundo mesquinho e vence a temporalidade, um amor que é um dever de gratidão, ou então ele tem uma outra opção: preferir dizer que Søren Kierkegaard está mandando recados amalucados à sua ex-noiva, chamando-a, nessas páginas, de “minha ouvinte” (*m. T., min Tilhører*) e tentando explicar-lhe pela milésima vez sua motivação e seus procedimentos dissimulados, seus disfarces irônicos, ao mesmo tempo em que lhe inculca convicções paradoxais do tipo “no céu as pessoas não casam”... e imaginando, quem sabe, alguma forma de *menage à trois* na outra vida, enfim, seduzindo-a de novo, agora numa outra esfera, lançando-a não para o mundo da memória, como Johannes, o Sedutor o fez com Cordélia, mas para a eternidade (verdadeira). Leia-mos suas últimas frases, isto é, suas conclusões inconclusivas, seu final aporético, um “mas pode ser”:

Para poder elogiar o amor, é preciso então, interiormente, auto-abnegação, e, exteriormente, um desapego que se sacrifica. Se então alguém se encarrega desse elogio, e a questão é saber se ele o faz realmente por amor, é preciso responder a isso: “nenhuma outra pessoa pode decidir com certeza; pode ser que seja por vaidade, orgulho, enfim, por más razões; mas pode ser também que seja por amor” (Kierkegaard, 2004, p. 101; 2005, p. 418).

Alguns se escandalizarão com nossas colocações, mas parece ser perfeitamente plausível supor que tudo isso tenha passado pela cabeça do astucioso escritor, que, como bom irônico, certamente se sentirá bem servido se couber ao leitor a responsabilidade de interpretar o que mesmo ele “queria dizer” (sua opinião, intenção: “*Mening*”) com seus discursos e com suas considerações cristãs. E é disso que se trata, aparentemente: cabe ao leitor a interpretação: prefere ele a versão paradoxal do amor cristão, ou prefere simplesmente explicar, de maneira quase freudiana, geneticamente (ou com a falácia genética?) os seus escritos?

Há mais de 30 anos: a paciência humilde e perseverante de Ernani Reichmann o fez traduzir aquelas outras 400 páginas de Kierkegaard que constituem o melhor que temos do autor dinamarquês em nossa língua. E lá no início dos anos 70 ele já traduziu, do *Post-Scriptum*, portanto de um dos livros mais canônicos para todas as interpretações, estas passagens ambíguas, aporéticas:

Em seu interior um religioso não tem nada de um humorista. Ao contrário, está preocupado de uma maneira absoluta com sua relação com Deus. [...] O humor torna-se o seu incógnito e um indício. [...] A paixão absoluta não pode ser compreendida por um

terceiro. [...] O cômico mostra-se na relação da interioridade oculta a seu ambiente, naquilo que o homem religioso bem observa e compreende que, sendo colocado em conexão com sua paixão interior, produz um efeito cômico. É por isso que, mesmo que duas pessoas religiosas conversassem, uma produziria sobre a outra um efeito cômico, pois cada uma delas não cessaria de ter sua interioridade *in mente* e colocaria, pois, em conexão com esta o que ela entende e seria cômico porque nenhuma das duas poderia exprimir diretamente a interioridade oculta, no máximo viriam a suspeitá-la mutuamente pela ressonância humorística.

Agora, se há ou se houve realmente um tal religioso, que todos o sejam ou ninguém, não decido e não posso decidir. Mesmo se eu fosse um observador, não poderia entretanto, em presença desse religioso, jamais ir além de uma suspeita sobre a base do humorístico – e naquilo que me concerne pessoalmente sei muito bem que não sou o homem religioso. [...] O problema da justificação do cômico, de sua relação com o religioso, o problema de saber-se se no discurso religioso ele não tem uma significação justificada, é de uma importância essencial para a existência religiosa de nossa época, na qual o cômico triunfa por toda parte (Kierkegaard, 1978, p. 157-160).

Referências

- ADORNO, T. 1974. *Kierkegaard: Konstruktion des Aesthetischen: Mit einer Beilage*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- ADORNO, T. 1979 [1963]. Kierkegaard noch einmal. In: M. THEUNISSEN e W. GREVE (eds.), *Materialien zur Philosophie Søren Kierkegaards*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, p. 557-575.
- KIERKEGAARD, S. 2004. *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado: aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard*. Porto Alegre, Escritos.
- KIERKEGAARD, S. 2005. *As obras do amor*. Petrópolis, Vozes e Editora da Universidade São Francisco.
- KIERKEGAARD, S. 1991. *O conceito de ironia, constantemente referido a Sócrates*. Petrópolis, Vozes.
- KIERKEGAARD, S. 1978. *Soeren Kierkegaard: textos selecionados por Ernani Reichmann*. Curitiba, Editora da UFP, reimpressão.
- NIETZSCHE, F. s. d. *O Anticristo*. Lisboa, Edições 70.
- VALLS, A.L.M. 1993. O amor socrático: análise kierkegaardiana de sua teoria e de sua prática. *Síntese Nova Fase*, 20(63):605-616.
- VALLS, A.L.M. 2000. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre, Edipucrs.